

## Capítulo 1

### Na moldura da memória: um retrato de Gustavo Barroso

Ao completar setenta anos de idade, em 29 de dezembro de 1958, Gustavo Barroso recebeu diversas homenagens. A data de seu aniversário foi o motivo para que se concentrassem os festejos e as homenagens em torno deste intelectual que já entrava numa idade avançada e convalescia de uma doença que o deixara bastante debilitado no ano anterior.

O Museu Histórico Nacional, por iniciativa da então Coordenadora e Professora do Curso de Museus Nair de Moraes Carvalho<sup>1</sup>, reuniu em artigo as várias homenagens e publicou nos *Anais do Museu Histórico Nacional* sob o título “As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do MHN”. [sic]

Gustavo Barroso comemorava seu aniversário de setenta anos de uma maneira bastante singular: ganhava de presente o reconhecimento pela sua atuação em diversas áreas, principalmente como historiador, escritor e museólogo.

Podemos ler as diversas homenagens recebidas como indícios para percebermos como Barroso escolheu ser lembrado. A operação evidencia o aspecto seletivo das comemorações e indica quais as cidadelas intelectuais privilegiadas na sua trajetória.

Como já foi observado,

“Comemorar, como indica a etimologia, é construir em comum uma memória, *commemorare*. É também uma forma de re-significar algo sucedido – uma vida, uma data ou um acontecimento – ponderando a projeção sobre o coletivo do que foi vivido numa dimensão mais individual. Comemorar é ainda, recordando, realizar o complexo processo de destilar a vida pelos trabalhos da memória, que, como é sabido, implicam sempre um exercício de seleção. Comemorar é, portanto, escolher o que deve ser lembrado, e, como em toda escolha, naquelas que presidem a comemoração há uma contraface que implica renúncias. Sublinham-se certos matizes, enquanto outros ficam sem destaque.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Nair de Moraes Carvalho, Coordenadora do Curso de Museologia, publicou os seguintes artigos nos *Anais do Museu Histórico Nacional*: “A Jangada Libertadora”, Vol I, 1940; “Os Painéis dos antigos Passos da Baía”, Vol II, 1941; “O Barão da Vitória no Museu Histórico”, Vol III, 1942; “O capitão-mor de Itu”, Vol IV, 1943; “A Coleção Cotegipe”, Vol VI, 1945; “Papel Educativo do Museu Histórico Nacional”, Vol VIII, 1947; “Marcas de Porcelana de Saxe”, Vol IX, 1948; “As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do MHN”, Vol X, 1959; “O Nascimento da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro”, Vol XV, 1965.

<sup>2</sup> NEVES, M. S; LOBO, Y. L; MIGNOT, A. C. V. *Cecília Meireles: A Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001, p. 9.

As comemorações no dia de seu aniversário incluíram uma missa solene de ação de graças na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, bem como a inauguração, na Livraria São José, de uma vitrine com foto de Gustavo Barroso e todos seus livros, com posterior sessão de autógrafos. Entretanto, segundo a autora, a grande comemoração seria aquela realizada às 20 horas no Museu Histórico Nacional que se encontrava devidamente decorado, sendo que,

“Das janelas de suas três fachadas pendiam colchas e colgaduras antigas adamacadas e bordadas. Nas portas e escadarias formavam aos pares em grande uniforme, com suas lanças perfiladas, os Dragões da Independência, 1º Regimento de Cavalaria de Guardas, ao qual o Dr Gustavo Barroso, quando Deputado, propôs que fosse dado o brilhante fardamento da Guarda de Honra de D. Pedro I.”<sup>3</sup>

A comemoração prosseguia com o descerramento do véu e a inauguração do busto de bronze de Gustavo Barroso no pátio de Minerva do Museu Histórico Nacional e a homenagem da turma do Curso de Museus que se formava naquela mesma ocasião e que tinha por paraninfo o próprio Gustavo Barroso. O orador da turma propôs, durante a solenidade, que *“o atual Curso de Museus, de mandato universitário, em memória de seu criador e diretor, passasse a ser denominado Curso Gustavo Barroso”*.<sup>4</sup>

Ainda na mesma ocasião foi realizada a leitura de um documento, em pergaminho, assinado por centenas de ex-alunos, funcionários, Deputados, Ministros, intelectuais e amigos de Gustavo Barroso, a ser encaminhado ao então presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, no qual solicitavam *“que o mesmo seja mantido no cargo de Diretor daquele instituto por ele fundado e dirigido desde 1922”*.<sup>5</sup>

O documento solicitava que Barroso fosse mantido como Diretor do Museu apesar de sua aposentadoria compulsória. Não foi possível verificarmos se o pedido foi deferido, aceito ou negado. Entretanto, por uma sutil ironia, o destino se encarregaria de indeferir o pedido, pois menos de um ano após a solicitação, em 3 de dezembro de 1959, Barroso viria a falecer.

O artigo de Nair de Moraes Carvalho reunia ainda o testemunho de outras tantas homenagens que tinham ocorrido nos últimos dias do ano bem como

<sup>3</sup> CARVALHO, N. M.; “As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do MHN”; In: *Anais do Museu História Nacional*, vol X, 1959, p. 264.

<sup>4</sup> Idem, p. 271.

<sup>5</sup> Ibide, p. 273.

durante o ano seguinte, 1959. Ao reunir e publicar as homenagens, a autora tinha o objetivo de contribuir para o reconhecimento das atividades de Gustavo Barroso, reconhecimento este que o próprio Barroso fez questão de frisar em vários momentos de sua trajetória como algo inexistente como podemos perceber na seguinte passagem de seu artigo “Esquematisação da História Militar do Brasil”:

“Durante muitos anos me tenho entregue à patriótica e muitas vezes incompreendida tarefa de restaurar o brilho de nossas esquecidas glórias e tradições militares. Iniciei este trabalho em tempos ingratos, quando nosso meio, por ignorância ou minado pelo micróbio positivista, se manifestava de todo hostil a qualquer tentativa dessa natureza. Estou hoje esquecido; mas quando galhardamente desfilam pelas avenidas sob os aplausos da multidão entusiasmada, os regimentos engalanados de faulhantes uniformes tradicionais, sobretudo os já famosos Dragões da Independência, creio que algumas pessoas se recordarão ainda da campanha soez feita contra o jovem deputado idealista que lançara essa idéia no seio dum parlamento dominado pela politicagem.”<sup>6</sup>

Uma análise inicial dos artigos dos *Anais do Museu Histórico Nacional*<sup>7</sup>, ainda por ser feita de forma exaustiva, demonstra que a publicação foi utilizada em muitas ocasiões como recurso pelo próprio Barroso, no sentido de esclarecer divergências intelectuais bem como no sentido de reclamar para si a autoria de determinadas idéias ou projetos.<sup>8</sup> Obviamente uma tentativa de buscar o reconhecimento pela sua atuação no meio intelectual carioca, onde Barroso sentia-se, freqüentemente, como alvo de injustiças por parte de seus pares.

Portanto não causa surpresa que em vários momentos das diversas homenagens reunidas no artigo de Nair de Moraes Carvalho, segundo transcrição da autora, Barroso saliente que o período anterior à sua vinda para o Rio de Janeiro, em que viveu em Fortaleza, seja o que ele prefira lembrar, comemorar. É

<sup>6</sup> BARROSO, G. “Esquematisação da História Militar do Brasil”. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, vol III, 1943, p. 401.

<sup>7</sup> Os *Anais do Museu Histórico Nacional* estavam previstos nos Regulamentos do Museu, aprovados pelos Decretos 15.596 de 2 de agosto de 1922 e 24.735 de 14 de julho de 1934. O surgimento dos *Anais*, entretanto, demorou alguns anos, até que, em 1940, o volume 1 foi lançado. Durante os 35 anos seguintes, com periodicidade anual, elaborada pela equipe do Museu, sem comissão editorial e publicada pela Imprensa Nacional com tiragem média de 1000 exemplares, a revista circulou com bastante aceitação. Segundo BITTENCOURT, “Os artigos giravam, principalmente, sobre duas grandes temáticas: a história do Brasil e o acervo do Museu. (...) Os Conservadores eram os principais autores, e, ao que parece, o assunto abordado diziam respeito às pesquisas que realizavam.” BITTENCOURT, J. N. “Sobre os Artigos Reeditados.” In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol XXIX, 1997, p. 19.

<sup>8</sup> Ver os seguintes artigos, todos de autoria de Gustavo Barroso: “Mobiliário Luso Brasileiro”, Vol I, 1940, pp: 1-21; “A Exposição Histórica do Brasil em Portugal e seu catálogo”, Vol I, 1940, pp: 235-247; “A Força de Tiradentes”, Vol II, 1941, pp: 343-348; “Arquitetura Nacional”, Vol III, 1942, pp: 454-464; “A Defesa do Nosso Passado”, Vol IV, 1943, pp: 585-592; “Exame de Consciência”, Vol IV, 1943, pp: 601-609 entre outros.

o caso, por exemplo, da homenagem prestada pela Casa do Ceará realizada no dia seguinte ao seu aniversário, no Auditório do Ministério da Cultura. Nesta ocasião, com a presença de diversos intelectuais cearenses e membros da Academia Brasileira de Letras lembrou-se, sobretudo o Gustavo Barroso de *Terra do Sol*, livro de cunho regionalista, publicado em 1912, no qual o autor, assinando com o pseudônimo de João do Norte, descreve a paisagem social e geográfica do sertão do norte do país.

Segundo transcrição da autora, Gustavo Barroso,

“Referiu-se aos 21 anos da sua vida até a primeira mocidade passados no Ceará e aos 49 outros decorridos longe de sua terra natal, mostrando que, no fundo de sua alma, sem que pudesse dar uma explicação plausível, aqueles 21 valiam tanto mais que esses 49 até parece desapareciam, se apagavam estes diante daqueles. É que nos primeiros dominava – afirmou – o amor da terra, das coisas, das cores, das luzes, dos cheiros, dos gostos de tudo o que, desde muito pequenino, fora descobrindo e amealhando como tesouro. Na infância e na adolescência, descobrira e amara a vida, vestindo-a com todos os véus da fantasia. Na mocidade, na maturidade e na velhice, as experiências e as decepções tinham assassinado a fantasia.(...) Daí o arrependimento de ter deixado a terra natal para uma audaciosa aventura que as comemorações do seu aniversário estavam coroando de louros, louros que ele trocava de bom grado pela inocência feliz de outrora na pequena e singela Fortaleza de sua meninice. Por isso, mais do que todas as outras homenagens recebidas, lhe tocavam mais fundamentalmente o coração aquela que nessa hora lhe prestavam os cearenses reunidos na Casa do Ceará.”<sup>9</sup>

Certamente as palavras acima poderiam ser justificadas levando-se em conta que Barroso falava para seus conterrâneos. Entretanto – construção recorrente – não poderíamos deixar de perceber que o recorte efetuado, ao privilegiar o período em que viveu em Fortaleza – sua infância e adolescência – é o mesmo que encontramos em seus três volumes de memórias.

Em sua obra memorialística, nosso autor iria privilegiar a mesma temporalidade, e, conforme teremos ocasião de verificar detalhadamente adiante, ainda que a pena memorialística de Barroso ultrapasse seus três livros de memórias, incluindo diários de viagens entre outros escritos<sup>10</sup>, temos que considerar que apenas os três volumes foram publicados e reconhecidos pelo autor como livros de memórias, publicados respectivamente em 1939, 1940, e 1941, sob os títulos *Coração de Menino*, *O Liceu do Ceará* e *Consulado da China*.

<sup>9</sup> CARVALHO, N. M. “As Comemorações do Setuagésimo Aniversário do Fundador do MHN”, op. cit; p. 290.

<sup>10</sup> BARROSO, G. *O ramo de oliveira*. Rio de Janeiro. Edição do Anuario do Brasil, 1925; *Reflexões de um bode*. Rio de Janeiro. Gráfica Educadora Ltda. s/d, (2ª ed. também sem data).; *Seca e Meca e Olivais de Santarém*. São Paulo: Editora Presença, 1946.

E é ao escrever seu *Coração de Menino* que Barroso iria recriar e contar toda uma vida, apresentada pré-figurada nos períodos da infância e da juventude na qual nosso autor justifica suas vocações traçando as circunstâncias sociais que teriam favorecido e principalmente, dificultado sua formação, fornecendo indícios, desde menino, de seus interesses e realizações da vida adulta.

Se ao resumir sua vida quando completa 70 anos, Barroso utiliza as mesmas coordenadas que pretendem por em evidência a constância de suas opções de vida desde a infância cearense é possível perceber, nesse procedimento, uma estratégia. Ao privilegiar o olhar infantil, um olhar de fantasia e inocência é como se Barroso escolhesse a lente que deveria ser utilizada para compreendê-lo. Ao subordinar à experiência infantil a “audaciosa aventura” de sua vida adulta, uma vida na qual “as experiências e as decepções tinham assassinado a fantasia”, Barroso realiza uma operação que não pode passar despercebida principalmente quando relacionada à sua escrita memorialística.

A experiência infantil que Barroso privilegia ajuda a esconder outra experiência, vivida no que nomeou como *Recolhimento*.<sup>11</sup> Ao olhar para dentro de si, buscando ver sua alma, compreende-a:

“Esquecida num velho Escorial  
Que poucas vezes abandona a cela  
Da grande solidão conventual.(...)”.

Não foi poeta Gustavo Barroso e não nos cabe uma crítica de sua poesia. Entretanto, no final de sua vida, ao recorrer à linguagem poética, buscou expressar seus sentimentos.

Como ressaltou o Professor Leandro Konder:

“A linguagem poética, como sabemos, precedeu a linguagem em prosa. Antes de desenvolver a precisão terminológica e a estrita disciplina do discurso científico, ou a expressão utilitária que o dia-a-dia exige de nós, a linguagem já expressava a apreensão/invenção da realidade através de sentimentos.”<sup>12</sup>

É paradoxal que no mergulho para dentro de si, ao expressar seus sentimentos, Barroso visse sua alma em *Recolhimento* ao passo que sua figura de homem público, como intelectual, fosse conhecida pela expansão, pois o vigor de

<sup>11</sup> BARROSO, G. *As Sete Vozes do Espírito* (poesias). (sem local) 1956.

<sup>12</sup> KONDER, L. “O Espírito Poético da Educação”. In: *Cecilia Meireles: A Poética da Educação*. op. cit, p; 18.

sua pena pode ser medido tanto pelo número de títulos publicados, mais de 100, quanto pela variedade de temas sobre os quais se debruçou.

É justamente este aspecto da expansão que o artigo comemorativo de seus setenta anos, ao reunir as homenagens recebidas, permite verificar ainda que, conforme afirmamos algumas linhas atrás, seja perceptível uma maior ênfase sobre suas atividades como conservador-museólogo, escritor regionalista e historiador.

Em relação à sua produção como historiador comemorou-se sobretudo o “soldado sem farda” ou o “general, ainda sem farda”, expressão utilizada para referir-se ao título de General de Brigada, recebido por Gustavo Barroso em 1958. De fato, sua produção historiográfica é quase toda ela marcada pelo seu grande interesse pela história militar.<sup>13</sup> Esse interesse, o próprio Barroso faria questão de explicitar e justificar na Introdução de seu livro, *História Militar do Brasil*:

“Este livro é o resultado de uma campanha nacionalista que iniciei há vinte e quatro anos, em 1911, pelo “Jornal do Comércio”, quando lancei a idéia da fundação de um Museu Histórico de caráter militar. Não me arrefeceram o entusiasmo, a baba dos despeitados, as injustiças do Poder Público e os ataques mesquinhos de alguns positivistas. Continuei-a ininterruptamente pela imprensa, onde quer que escrevesse. Fiz Conferências no Clube Militar e nas Academias. Publiquei cinco livros sobre os episódios das nossas guerras estrangeiras e um sobre nossas tradições militares, justificando a minha idéia da criação dos Dragões da Independência; organizei, nomeado pelo Presidente Epitácio Pessoa, o Museu Histórico Nacional, desenvolvi-o, maugrado [sic] os obstáculos, e tornei-o, felizmente, uma instituição digna de nosso passado; comemorei o centenário de nossa emancipação política com uma obra sobre os nossos uniformes e organizações militares, em colaboração com o pintor J. Washt Rodrigues; e, no curso de museografia do Museu Histórico, procurei ensinar aos moços o amor de nossas glórias. O resumo histórico de nossas campanhas contido neste volume foi constituído com a série de lições sobre História Militar do Brasil, dadas no Curso de Extensão Universitária do mesmo Museu em 1933, que repeti em 1934 na Escola de Oficiais da Milícia Integralista do Distrito Federal. Preencho, outrossim, sensível falha da nossa bibliografia. A única História Militar do Brasil existente foi escrita, em 1762, por José Mirales! Foi essa, sem falsa modéstia, a pequena contribuição que pude prestar ao meu país em prol da restauração do culto de seu

<sup>13</sup> São muitos os títulos publicados relativos à História Militar, vários deles reeditados. Neste sentido ressaltamos: BARROSO, G. *O Brasil em face do Prata*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1930, 452 p; *Caxias*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1945, 46 p; *A Guerra de Artigas (1816-1820)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930, 190 p; *A Guerra do Flôres; contos e episódios da Campanha do Uruguai 1864-1865*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929, 202 p; *A Guerra do Lopez; contos e episódios da Campanha do Paraguai*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, 206 p; *A Guerra do Rosas (contos e episódios relativos à Campanha do Uruguai e da Argentina 1851-1852)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929, 241 p; *A Guerra do Vidéo; contos e episódios da Campanha Cisplatina, 1825 a 1828*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930, 254 p; *Osório, o centauro dos Pampas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933, 196 p; *Tamandaré, o Nelson Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933, 219 p; *Uniformes do Exército Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1912, 110 p.

glorioso passado. Se lhe falta ciência, não lhe falta, estou certo, consciência, que esta se mostra a cada passo na sinceridade dos propósitos e, sobretudo, no meu amor pelo Brasil.”

14

Este seu interesse pela História militar numa perspectiva acentuadamente nacionalista seria bastante festejado nas comemorações de seu aniversário. Barroso receberia ainda, do então Ministro da Marinha, a medalha do Mérito Naval e do então Diretor do Arquivo do Exército, a medalha comemorativa do sesquicentenário do Arquivo do Exército, ambas concedidas, pela primeira vez e em caráter excepcional, a um civil.

A citação selecionada demonstra que, para Barroso, a tradição associava-se ao “culto de um glorioso passado”, neste caso representado pelo Exército Nacional que em momento posterior foi definido pelo próprio Barroso como composto por “todas as forças armadas oficialmente estabelecidas pelo Poder Público para defesa da Ordem e das Instituições no Interior, para defesa da Integridade Territorial e da Soberania no exterior”.<sup>15</sup>

Ao Exército caberia não somente a defesa do território e a garantia da unidade e soberania nacionais, mas também o papel de portador de um passado glorioso, um passado de vitórias que seria mantido e re-atualizado através das tradições militares. Ao esclarecer que o Exército fazia parte do passado histórico idealizado da nação brasileira, Barroso atuaria no sentido de incorporá-lo ao Museu Histórico Nacional no qual teria sua história contada e perpetuada através das exposições.

Para Barroso seria impossível pensar o Exército sem a tradição, na medida em que considera que a “tradição é a alma dos Exércitos”. Neste sentido, salienta ainda que, a tradição e a glória seriam as duas colunas que sustentariam o Exército. A tradição estaria presente no Exército através da sua organização, indumentária, doutrina. Já a glória se mostraria concretamente através dos troféus de guerra, tais como armas, bandeiras, tambores e fardamentos dos quais, segundo Barroso, “o Museu Histórico Nacional está cheio”.<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> BARROSO, G. *História Militar do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. (edição ilustrada com cerca de 50 gravuras e mapas). A 2ª edição, publicada em 1938, é parte da Biblioteca Pedagógica Brasileira, Ser. 5ª: Brasileira, v. 49.

<sup>15</sup> BARROSO, G. “Esquematização da História Militar do Brasil”, op. cit; p. 403.

<sup>16</sup> Idem, p. 429.

Associado à manutenção da Ordem, assegurando a permanência das instituições e tradições, pautado pela hierarquia e disciplina, o Exército ocupa lugar de destaque na concepção de nação de Barroso, marcando o aspecto conservador de seu pensamento como teremos ocasião de verificar no segundo capítulo deste trabalho.

Portanto, ao listar suas atividades relativas à história militar, Barroso as vê como parte de uma “Campanha Nacionalista” que afirma ter iniciado em 1911, data de sua vinda para o Rio de Janeiro. Ao deixar a cidade de Fortaleza, transferindo-se para o Rio, Barroso iria engrossar o coro dos intelectuais preocupados em pensar a questão nacional, uma preocupação que tende a assumir, no autor, uma centralidade, revestindo-se de nuances conservadoras e autoritárias, englobando e sintetizando outras dimensões nos momentos de crise. Insere-se nesta perspectiva sua adesão à Ação Integralista Brasileira em 1933, dentro da qual foi designado, em fevereiro de 1934, como comandante das milícias, organização paramilitar que mantinha, do ponto de vista organizacional, bastante proximidade com o Exército.<sup>17</sup>

Ainda na citação, ao referir-se aos “ataques mesquinhos de alguns positivistas”, Barroso alude fundamentalmente ao projeto dos primeiros republicanos, que ensaiaram uma ruptura com o passado. Este projeto que teve como ponto de partida o banimento da família imperial, continuou em 1890 com o leilão organizado pelo governo republicano a ser realizado no Paço de São Cristóvão, onde seriam vendidos todos os bens da família imperial. A estratégia desses primeiros republicanos, no sentido de dissolver a memória do Império, provocou a reação daqueles que simpatizavam com D. Pedro II e depois de acalorado debate pela imprensa, o leilão acabou ocorrendo em 13 etapas diferentes, com a subasta de objetos variados.

---

<sup>17</sup> A milícia Integralista da qual Barroso era o comandante apresenta um formato que a caracteriza como organização paramilitar. Dividida em quatro seções, a primeira ocupa-se da correspondência, controle da organização (estatística, efetivo, disciplina) e justiça (inquéritos e promoções); a segunda seção funciona como serviço de informações; a terceira seção, da instrução militar e elaboração dos planos de operações militares; e a quarta seção, do setor de material e serviços. “Portanto, a função da Milícia não é apenas a de preparar os integralistas para os desfiles e a cultura física, mas desenvolver um verdadeiro treinamento militar, desde a instrução de técnica, tática e moral até a elaboração de planos de combate. Aliás, a instrução militar é compatível com as cinco armas militares que constituem a tropa integralista: infantaria, cavalaria, engenharia, artilharia e aviação.” Citado por MAIO, M. C. *Nem Rotschild nem Trotsky. O pensamento Antisemita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992, p. 80.



Segundo Regina Abreu, as peças da família imperial, seus móveis, bibelôs e especialmente aqueles associados ao próprio D. Pedro II, como objetos de uso particular, pinturas, retratos, configuravam emblemas, sintetizando valores de uma visão de mundo aristocrática. Os amigos da família imperial ao adquirirem muitas dessas peças presenteando outros amigos da família imperial acionaram um circuito de trocas simbólicas que perdurou durante anos, garantindo com isso a atualização do passado e a preservação de valores tradicionais.<sup>18</sup> Muitos desses objetos terminaram alocados definitivamente no Museu Histórico Nacional devido ao empenho do próprio Barroso, que incentivou as doações para a instituição. Posteriormente muitos desses objetos seriam transferidos para o Museu Imperial de Petrópolis, criado através do Decreto-Lei n 1096 de 29 de março de 1940 e inaugurado em 1943 por Getúlio Vargas.<sup>19</sup>

Ao utilizarmos a noção de nacionalismo não podemos considerá-lo como um conceito unívoco e sim como um conceito que tomou diferentes configurações, pois segundo Lúcia Lippi de Oliveira, a idéia de nacionalismo se fundiu com diversas correntes de pensamento, assumindo em cada uma delas contornos específicos. Neste sentido ressalta a autora que a ligação do nacionalismo com o romantismo fez a nação ser concebida como “entidade emotiva, símbolo da singularidade, à qual todos os homens deveriam se integrar”. Já o conservadorismo teria trazido para o nacionalismo o desenvolvimento de sentimentos nacionais baseados na tradição histórica. Enfim, conclui a autora, “Não existe, nem nunca existiu, um único nacionalismo”.<sup>20</sup>

O nacionalismo de Gustavo Barroso, que por opção e herança familiar configurou-se a partir do pensamento romântico modificou-se ao longo de sua trajetória adquirindo um contorno claramente conservador e autoritário. A esse respeito Barroso identifica a influência da tia que o criou, irmã mais velha de seu pai, “(Ela) tinha bastante leitura e o espírito romântico da cultura de 1860. Falava

---

<sup>18</sup> ABREU, R. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco: Lapa, 1996, p.172.

<sup>19</sup> Para um estudo sobre a criação do Museu Imperial, ver: HEIZER, A. L. *Uma Casa Exemplar*. Pedagogia, memória e identidade no Museu Imperial de Petrópolis. Rio de Janeiro, 1994. 92 p. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>20</sup> OLIVEIRA, L. L. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 43.

muito em Lamartine, em Victor Hugo, na Revolução Francesa, em D. Pedro II, Joaquim Nabuco e Maciel Monteiro.”<sup>21</sup>

Para Regina Abreu, os ideais românticos de Barroso foram absorvidos em sua vasta obra literária, especialmente nos estudos de Folclore.<sup>22</sup>

O forte interesse pelas coisas e costumes de sua terra natal, a vocação para a carreira militar, o gosto pelo colecionismo são traços presentes em sua experiência memorialística a partir da qual Barroso prefigurou o intelectual e escritor regionalista, o historiador interessado pelas tradições militares e o conservador-museólogo que viria a sistematizar um conhecimento aplicado aos objetos reunidos em coleção; justamente as realizações pelas quais escolheu ser lembrado. Através de uma dupla construção, Gustavo Barroso selecionou os caminhos a serem percorridos, estendendo os fios pelo labirinto da memória, sinalizando as passagens principais a serem seguidas.

## 1.1.

### **Coração de Menino**

Foi em Fortaleza, Ceará, no dia 29 de dezembro do ano de 1888 que nasceu Gustavo Barroso; filho de Antônio Felino Barroso, tabelião e dono de um pequeno cartório, e de Ana Dodt Barroso que veio a falecer sete dias após seu nascimento.

Seu nome de batismo, Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso, “um nome impossível de ser dito em um fôlego só”<sup>23</sup>, imponente, parecia assegurar-lhe um futuro promissor e foi sendo abreviado para finalmente firmar-se no universo literário, cultural e político nacional como Gustavo Barroso.

Menino provinciano, Barroso iniciou seus estudos com a avó e as tias paternas por quem foi alfabetizado. Ingressou posteriormente no Colégio Partenon, em Fortaleza, em 1898, na terceira série primária, e no ano seguinte transferiu-se para o Liceu do Ceará formando-se em 1906.

<sup>21</sup> BARROSO, G. *Coração de Menino*. Rio de Janeiro: Editora Getúlio M Costa, 1939, p. 13.

<sup>22</sup> ABREU, R. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégias de consagração no Brasil*, op. cit, p; 169.

<sup>23</sup> BARROSO, G. *Liceu do Ceará*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1940, p. 23.

A família dos Barroso, apesar do nome altissonante do então menino cearense e do relativo prestígio social, não era rica. É Barroso quem o diz em seu livro de memórias infantis: “Minhas tias e minha avó eram muito pobres. Viviam do aluguel duma casa que meu avô deixara. Ajudavam-se fazendo rendas, crochês e frivolidé, para vender.”<sup>24</sup>

A inquietação intelectual da qual o Rio de Janeiro era palco, sobretudo durante a transição do regime monárquico para a República, se fazia sentir também em outros centros como é o caso de Fortaleza, capital do Ceará.

O pai de Barroso, Antônio Felino, fazia parte de um círculo de intelectuais constituído nos anos setenta do século passado, influenciado pelo positivismo, evolucionismo e materialismo, que questionava a cultura herdada e o sistema vigente à época e juntamente com Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Childerico de Faria, Araripe Jr. fundaram a Academia Francesa do Ceará.<sup>25</sup>

O retrato do pai traçado por Barroso revela uma certa insatisfação com o estilo de vida paterno, um estilo de vida acomodado, sem grandes ambições. Apesar do capital cultural, da excelente memória e da extraordinária saúde Barroso vê seu pai numa atitude descompromissada com a vida. Essa atitude, considerada paradoxal, não serviria de modelo. O filho de Antonio Felino traçaria sua vida numa perspectiva radicalmente oposta à de seu pai.

“(…) Goza de extraordinária saúde. É de ferro. Muito lido, muito culto e muito paradoxal ao mesmo tempo, dispõe de uma memória formidável. Recita o *Lusíadas* inteirinho, de fio a pavio. Toda a gente o considera um filósofo. Deixa que a vida vá passando por ele sem lhe dar grande importância. Aprecia o seu desenrolar como o de uma fita de cinema. Só intervém nele forçado. Observa e critica, sem tomar parte. Vive com o que tem sem pedir nada aos outros, sem incomodar e sem se humilhar, economicamente, sobriamente, honestamente, de cabeça ereta. Sem ambições e sem preocupações. Agressivamente franco e mordaz nas suas pilhérias, não tem, no entanto, inimigos. Antes pelo contrário, a cidade toda o estima e repete suas anedotas salgadas. (...) Não faz mal a ninguém. Não empurra ninguém para passar. Não faz questão de passar.”<sup>26</sup>

Este retrato é o resumo de um pai que Barroso aprendeu a respeitar sem, no entanto, amar, um pai que “(...) era indiferente ao que me fosse n’alma, tão indiferente como se eu vivesse na China”.<sup>27</sup> Apesar da distância e da falta de amor filial, Barroso valorizava o modelo de homem culto na figura paterna,

<sup>24</sup> BARROSO, G. *Coração de menino*, op cit; p. 134.

<sup>25</sup> MAIO, M. C. *Nem Rotschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992, p.62.

<sup>26</sup> BARROSO, G. *Coração de menino*, op. cit; p. 270.

<sup>27</sup> Idem, p. 88.

“em cujo espírito a confusão do século XIX não conseguira apagar o amor ancestral da tradicionalidade. Sem religião, ele admirava a Igreja pela sua perenidade vitoriosa. Admirador da Revolução Francesa, detestava os espasmos da ralé. Desde o alvorecer de minha vida, ouvira-o falar sempre desta maneira das cousas antigas, como rebente de gente tradicional em nossa terra”.<sup>28</sup>

Se Barroso condenava a falta de ambição do pai e sua atitude descompromissada perante a vida, não recusaria a herança que seu pai lhe oferecia, uma herança que o ensinava a valorizar a tradição. Os ensinamentos recebidos em conversa com o pai são repetidos em seu livro de memória infantil:

“Os nomes das ruas duma cidade, meu filho, refletem a sua vida e resumem a sua história. É um erro, senão um crime, mudá-los a cada passo, sobretudo para homenagear individualidades passageiras. Destrói-se a tradição que deve ser sagrada porque é a alma de uma Pátria. Não pode haver pátria sem tradição”.<sup>29</sup>

Ao traçar sua genealogia, Barroso vinculava tradição à herança e origem. O tronco materno era identificado por seu avô, engenheiro contratado, vindo da Alemanha, que teria sua estirpe relacionada “à velha nobreza de Walsrode”. Já o tronco paterno seria localizado na região norte do país.

“(…) meu bisavô, o velho João da Cunha Pereira, capitão-mór dos índios da Paupina, depois Mecejana (...) era pernambucano, nascido em Goiana, mas da grande e antiga família dos Cunha, povoadora do Vale do Jaguaribe. Minha bisavó descendia dos Lages, que também haviam sido os povoadores iniciais do Ceará Grande, como então se dizia para diferenciar do Ceará Mirim ou Ceará Pequeno, região do Rio Grande do Norte. Meu avô paterno era o capitão José Maximiano Barroso, considerado, no começo do século, como sendo o homem de mais prestígio e fidalguia do Aracati. Os nomes de Fidelis e Liberato Barroso projetavam-se no cenário nacional de letras, na política e nas armas”.<sup>30</sup>

A experiência infantil que Barroso privilegia para contar sua vida fornece os subsídios para justificar o peso da tradição em seu ideário. Ao referir-se ao meio em que foi criado, nosso autor entende que como “único menino no meio de gente velha e conservadora, eu tinha ainda a aumentar o amor ao passado e aos ideais de ordem”.<sup>31</sup>

No primeiro de seus três livros de memórias, ao fazer uma leitura retrospectiva de sua própria vida, Barroso não escapa àquilo que Bourdieu chama

<sup>28</sup> BARROSO, G. *Coração de Menino*, op. cit; p. 25.

<sup>29</sup> Idem, p. 26.

<sup>30</sup> Citado por ABREU, R. *A Fabricação do Imortal*, op. cit; p. 169.

<sup>31</sup> BARROSO, G. op. cit; p. 26.

de “a ilusão biográfica”<sup>32</sup> e vê, em germe, na sua infância cearense, as duas coordenadas que definiriam sua vida de intelectual, o gosto pelo colecionismo e o apego à tradição que parece considerar como uma herança atávica, engrandecida portanto, na perspectiva de seu pensamento fortemente conservador, pelo selo familiar.

O colecionismo era algo que Barroso cultivava desde a infância. Em *Coração de Menino* refere-se a sua coleção de selos reunida com grande dificuldade e salientava ainda um respeito pelos objetos que perdiam seu valor de uso, “... não compreendia que se pusesse fora um objeto que houvesse servido à casa muito tempo, (...) entendia que aquele servidor inanimado merecia uma aposentadoria silenciosa...”.<sup>33</sup> Como observa Pomian, uma coleção é constituída de semióforos, que, diferentes das coisas, dos objetos úteis, são objetos destituídos de valor de uso. Singulares, não servem para serem usados, mas para serem expostos ao olhar. Adquirem um valor de troca fundamentado no seu significado. Segundo o autor, quanto mais carga de significado tem um objeto, menos utilidade tem, e vice-versa.<sup>34</sup>

Já o respeito quase religioso pela tradição vinha, segundo ele, do fato de ser a única criança em meio a pessoas mais velhas de hábitos conservadores e de seu pai, defensor da tradição como a alma da Pátria e da própria família. Não deixa de ser expressiva, para a compreensão de seu pensamento e de sua ação, essa associação discursiva, nas memórias infantis, entre tradição, pátria e família como o patrimônio fundador de sua identidade pessoal.

A escrita memorialística tem sido reconhecida como um campo específico de investigação; os textos em que o sujeito fala de si mesmo e em que o eu encontra refúgio e se converte em elemento de referência constituem-se em fonte histórica, e como tal tem sido utilizada pela história assim como por diferentes campos do conhecimento.<sup>35</sup> Esta mudança de abordagem na qual o subjetivo é valorizado pelos estudos interpretativos não pode ser facilmente datada, mas certamente está relacionada às contribuições da historiografia, sobretudo na área

<sup>32</sup> BORDIEU, P. “A Ilusão Biográfica.”; In: AMADO, J; FERREIRA, M.M. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p: 183-191.

<sup>33</sup> BARROSO, G. *Coração de Menino*, op. cit, p; 83.

<sup>34</sup> POMIAN, K. “Coleção”; In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda. v. 1. Memória/História, 1983. p: 51-86.

<sup>35</sup> VIÑAO, A. “A modo de prólogo: Refúgios del yo, refúgios de otros”; In: MIGNOT, A. C. V; BASTOS, M. H. C; CUNHA, M. T. S. *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. (org). Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 11.

da história social bem como pela história cultural, em especial por aquela que se interessa pelo cotidiano, o pessoal, o familiar e o privado.<sup>36</sup>

No entanto, se a escrita memorialística funciona como “refúgio do eu” ela é ao mesmo tempo reveladora de práticas sociais, sendo possível sua articulação com os contextos de produção e recepção nos quais é gerada.

Para Margarida de Souza Neves, “Por sua natureza, os registros memorialísticos e autobiográficos (...) se constituem numa forma de conhecimento do eu-autor que neles se refugia e do contexto em que esse “eu” singular se transforma num “nós” coletivo”.<sup>37</sup>

Neste sentido, podemos apontar no texto memorialístico uma relação entre a rememoração das experiências pessoais e a expressão de um contexto sócio-histórico mais amplo. Ao dialogar com o coletivo cruzando, portanto a memória individual com a memória social, a escrita memorialística redimensiona a realidade passada. Para Lacerda, esta operação “acrescenta elementos que a legitima [a escrita memorialística] como depoimento de valor e de verdade”.<sup>38</sup>

Numa tentativa de interpretação para os sentimentos e fatos descritos em suas memórias, podemos dizer que Barroso selecionou, à sua maneira, nas condições que sua infância permitia, já aquilo que acreditamos ser seu projeto de vida, aquilo que este intelectual cultivou, construiu e ergueu como edifício monumental: a tradição como algo sem o qual seria impossível pensar o Brasil e a si mesmo e a conseqüente angústia em salvaguardar do tempo os objetos, crenças e costumes nos quais essa tradição, na sua perspectiva, se manteria viva. Em suas memórias, Barroso reúne estes dois pilares que seu pensamento e sua vida refletem de forma bastante clara, a importância dada à tradição e a musealização como a melhor alternativa possível para mantê-la viva e parece querer fundar os alicerces do edifício memorialístico que constrói no relato de sua infância.

Ainda que o texto memorialístico possa fazer aparecer o estilo do narrador, de um ponto de vista estritamente literário, sua importância consiste menos, na perspectiva desse trabalho, no aspecto literário propriamente dito e mais na

<sup>36</sup> VIÑAO, A. “A modo de prólogo: Refúgios del yo, refúgios de otros”; In: MIGNOT, A. C. V; BASTOS, M. H. C; CUNHA, M. T. S. *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*, op. cit; p. 11.

<sup>37</sup> NEVES, M. S. “As artes da memória: A modo de Post-Scriptum.” In: *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*, op. cit, p; 235.

<sup>38</sup> LACERDA, L M. “Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica.” In: *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*, op. cit; p. 90.

operação que realiza: ao atribuir um sentido para as experiências passadas tendo como base os fragmentos que a memória disponibiliza, o texto encontrará coerência ao selecionar estes fragmentos privilegiando alguns aspectos e silenciando outros, demonstrando assim sua implicação no presente.

Neste sentido, Lacerda argumenta que,

“O trabalho com as reminiscências é uma tarefa complexa. (...) O que é escrito desse relicário de lembranças está orientado por uma necessidade determinada pelo momento atual, e assim os supostos lapsos de memória podem ser considerados não apenas como falhas ou rupturas do que se tenta apreender do passado, mas como partes do próprio texto.”<sup>39</sup>

Os três volumes de memórias de Gustavo Barroso inserem-se nesta perspectiva, pois nosso autor silencia muitos aspectos de sua vida, privilegiando outros. O fato de sintetizar e mesmo prefigurar toda uma vida em sua infância e juventude, não significa que Barroso rememore apenas este período. Antes pelo contrário, utilizando-se da experiência infantil, fazendo de suas memórias um baú de brinquedos, usando da fantasia, Barroso recorre ao período que considera ter sido o mais feliz de sua vida, por isso, suas memórias possuem um tom saudosista, nostálgico e melancólico; alimentado-se do passado, é como se Barroso abrandasse a saudade de si mesmo. Entrelaçando em suas memórias as lembranças da casa de suas tias por quem foi criado, as brincadeiras na praça próxima à sua casa, as travessuras na Igreja, os passeios de adolescente, Barroso descreve seu mundo de menino e adolescente ao mesmo tempo em que, remetendo ao tempo presente, faz falar o narrador, como podemos perceber na seguinte passagem:

“Nesse tempo gostava muito de andar sozinho a cavalo, sobretudo à noite. A solidão era para mim a maior das sensações. Porque em minha mocidade, à espera do que ia acontecer, tecia, com os fios de ouro da imaginação, os mais lindos cenários da fantasia. Hoje, o que mais me importa é o que já passou e não o que se está passando. Não sonho mais: olho para trás. A mocidade vive no futuro, a maturidade no presente e a velhice no passado.”<sup>40</sup>

Ao mesmo tempo, ao transferir para suas memórias de criança e adolescente sua visão de mundo adulta e seus julgamentos, é como se Barroso contasse com a cumplicidade do leitor abrandado por um menino que uma das suas tias, leitora de D. Quixote, chamava de Cavalheiro da Triste Figura e que correspondia à seguinte descrição: “Magricela, pálido, cabeçudo, de pescoço fino e comprido, com botas

<sup>39</sup> LACERDA, L M. “Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica.” In: *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*, op. cit; p.88.

<sup>40</sup> BARROSO, G. *O Consulado da China*. Rio de Janeiro: Getúlio M. Costa, 1941, p. 285.

cambadas, meias de algodão caídas como polainas, roupinha cerzida de riscado ou zuarte, chamavam-me do colégio, nos últimos tempos, o Girafa. Os amigos abrandavam a alcunha com um diminutivo – Girafinha.”<sup>41</sup>

Talvez para Barroso essa cumplicidade com o menino Girafinha permitisse ao leitor uma atitude menos enérgica quando o escritor adulto demonstra seu repúdio ao povo judeu. É importante ressaltar que o anti-semitismo do pensamento de Gustavo Barroso aparece em seus livros de memórias infantis sem muitas explicações, mas de forma contundente, ainda que como um argumento marginal ao fio da narrativa que desenvolve:

“Naquele tempo, naturalmente ainda não podia saber o que era em verdade um judeu. Considerava os judeus como quaisquer outros estrangeiros sem maior distinção. Ignorava completamente na insciência dos meus onze anos seu papel de lagartas rosadas da sociedade cristã, com algumas exceções, sem dúvidas, de perigosos parasitas secretamente organizados e de fermentos ruinosos para a saúde material e moral dos povos”.<sup>42</sup>

Segundo Marcos Chor Maio, a educação de Barroso não sofreu influência religiosa, pois seu pai era agnóstico e o colégio onde estudou era laico. Tanto o sentimento de religiosidade quanto o anti-semitismo serão despertados quando de sua adesão ao Integralismo.<sup>43</sup>

Neste sentido, o próprio Barroso iria contextualizar sua adesão à Ação Integralista Brasileira demonstrando a influência do Integralismo para o desenvolvimento de sua postura anti-semita:

“Quando entrei para o Integralismo, era já um escritor mais ou menos conhecido, com algumas dezenas de obras publicadas. O meu público poderia atestar que eu nunca escrevera uma palavra contra os judeus. Sabia alguma coisa a respeito da questão, mas não o bastante para me imprimir uma atitude espiritual. Foi o integralismo que me tornou antijudaico. A primeira pessoa que comigo conversou profundamente sobre o judaísmo foi o Chefe Nacional [Plínio Salgado]. A segunda, o companheiro Madeira de Freitas, que me emprestou para ler a edição francesa dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, obra que eu não conhecia. Os estudos para a feitura do livro *Brasil: colônia de Banqueiros* desvendaram-me os últimos mistérios da organização secreta do judaísmo. Passei, então, a dar-lhe combate, baseado na doutrina e na palavra de Plínio Salgado.”<sup>44</sup>

Barroso chegaria a traduzir *Os Protocolos dos Sábios de Sião* que teve várias edições, bem como *Brasil Colônia de Banqueiros*. A lista de livros

<sup>41</sup> BARROSO, G. *Memórias de Gustavo Barroso*. Governo do Estado do Ceará, 1989, p. 161.

<sup>42</sup> Idem, p. 178.

<sup>43</sup> MAIO, M. C. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*, op. cit; p.68.

<sup>44</sup> BARROSO, G. *Reflexões de um Bode*. Rio de Janeiro: Gráfica Educadora, 1937, pp. 161 e 162. Citado por MAIO, M. C. *Nem Rotschild nem Trotsky*, op. cit; p. 92.



relativos ao Integralismo e ao anti-semitismo na obra de Barroso é bastante extensa.

Um outro aspecto que aparece em suas memórias infantis é seu interesse pelas letras. Barroso localiza este interesse como herança familiar e como alternativa pelo seu interesse em “*coisas militares*” que não podia manifestar, pois a vocação militar que sentia despertava forte oposição familiar. Averso aos Grêmios e Revistas Literárias, que segundo Barroso “brotavam como tortulhos na antiga Fortaleza” recortava seu interesse pelas letras ao afirmar que “Não fazia sonetos como a maioria de meus colegas”(…) Lia muito, mas coisas de guerras e de aventuras”.<sup>45</sup>

Um ano antes de ingressar na Faculdade de Direito de Fortaleza, Barroso publica, em 1906, utilizando o pseudônimo Nautilus, seu primeiro artigo no periódico cearense *A República*, órgão governamental que sucedera o *Libertador*. Ao comentar sobre o seu primeiro pseudônimo literário, Barroso inseria-se no universo literário: “Maupassant deliciava-me. Eça de Queiroz deslumbrava-me. Recitava Gonçalves Dias, Castro Alves, Bilac. Mas o pseudônimo escolhido mostrava que meu espírito não se desprendera de todo da admiração de Júlio Verne.”<sup>46</sup>

A estréia na imprensa seria o primeiro passo de uma longa trajetória jornalística que incluiria o posto de redator de jornais tanto de Fortaleza quanto do Rio de Janeiro. Outros pseudônimos, tais como João do Norte, Jotaenne e Cláudio França foram usados por Barroso em suas atividades literárias.

Participativo na cena cultural de sua cidade, Barroso escreveu para vários jornais, tendo inclusive ajudado a fundar os jornais *O Garoto*, *O Equador*, *O Regenerador* e colaborando em outros, tais como *O Unitário*, *O Colibri*, *O Figaça* e *O Demolidor*. Foi ainda redator do *Jornal do Ceará* de 1908 a 1909.

Na imprensa do Rio de Janeiro, com o pseudônimo João do Norte, colabora com *O Malho*(1902), *O Tico-Tico*(1905) e *Careta*(1907) quando ainda vivia em Fortaleza. Estas três publicações possuíam em comum o fato de utilizarem-se dos recursos visuais como meio de comunicação. À exceção de *O Tico-Tico*, primeira revista brasileira de histórias em quadrinhos para crianças, tanto *O Malho* quanto *Careta* utilizavam-se de fotografias, charges (críticas políticas) e cartuns (sátira de

---

<sup>45</sup> BARROSO, G. *Memórias de Gustavo Barroso*, op. cit; p. 233.

<sup>46</sup> Idem, p. 253.

costumes) para abordar os assuntos que mobilizavam a sociedade. Tiveram entre seus colaboradores importantes ilustradores tal como K.Lixto, e escritores tais como Lima Barreto, colaborador de ambas as revistas, onde publicou inúmeras crônicas.

O interesse de Gustavo Barroso pelas “coisas militares” marcaria sua vida de forma contundente, e é reconhecido pelo próprio em suas memórias como uma espécie de obsessão conforme se desprende da seguinte passagem:

“Com essas relíquias militares e uma sobrecasaca velha de meu pai, ornamentada de botões dourados, fantasiei-me de almirante em diversos carnavais. Isso denunciava minha obsessão em seguir a carreira da Marinha. (...) Se cursasse a Escola Naval, talvez um dia chegasse a almirante, pensava, sem coragem de revelar meu desejo, que morria ao peso da incompreensão do ambiente, como ave ferida que a pouco se esvai quase sem agitar as asas enfraquecidas. Só eu sei o que me custou essa tragédia íntima. Só eu sei, porque somente eu a presenciei continuamente dentro de mim. Nossas almas são sepulturas de desejos e ambições desconhecidos dos outros e que não se realizaram”.<sup>47</sup>

Se em suas memórias o interesse pelas letras surge da revolta por não poder seguir carreira militar, a escolha pela carreira de profissional liberal destinada às elites de então, insere-se no mesmo contexto. A opção pela carreira de advogado veio como uma pressão da família que se opunha à vontade de Barroso de seguir carreira militar.

“Na minha casa há a mania, a superstição do doutor. Coisa herdada do tempo antigo como os móveis de jacarandá, os bules de prata do Porto e as terrinas de louça da Índia. Entre as varias espécies, dava-se preferência ao bacharel em direito.(...) Quando eu revelava minhas tendências para militar, era um Deus nos acuda de protestos. Desde a mais tenra idade o ambiente doméstico guerreava as minhas aspirações. A guerra foi tal que acabei bacharel contra a vontade. Sinto dentro de mim sempre uma revolta surda”.<sup>48</sup>

De certa forma Barroso enfrentou a revolta por não poder seguir a carreira militar de forma compensatória, desenvolvendo atividades que expressassem esta sua identificação com as instituições militares, através de um trabalho bastante vigoroso e extenso que inclui várias publicações sobre História militar, indumentária, armaria e símbolos ligados à História militar brasileira.<sup>49</sup> Da mesma forma, o Museu Histórico Nacional fundado por ele em 1922 sempre valorizou, em sua gestão, a História militar, seja exaltando figuras atuantes, seja incentivando a pesquisa e a publicação de artigos sobre o tema nos *Anais* da

<sup>47</sup> BARROSO, G. *Memórias de Gustavo Barroso*, op. cit; p. 197.

<sup>48</sup> BARROSO, G. *Coração de menino*, op. cit; p.30.

<sup>49</sup> A mais recente edição de um de seus títulos é História Militar do Brasil. Biblioteca do Exército Editora, 2000.

instituição. Por outro lado, o Museu abriga e conserva extensa coleção de indumentária e armaria relativos à História militar brasileira reunida pelo próprio Barroso durante o longo período em que esteve à frente da instituição. Vale lembrar ainda que a exposição concebida por Barroso para a inauguração do museu valorizava bastante o tema e que posteriormente, algumas salas de exposição tinham o nome destes personagens emblemáticos na História Militar, tais como sala Osório, sala Caxias, sala Almirante Tamandaré, sala Almirante Saldanha e sala Marechal Deodoro.<sup>50</sup>

## 1.2.

### De Fortaleza para o mundo

Menino provinciano, Gustavo Barroso, já adulto, vê na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, a possibilidade de ampliar seus horizontes intelectuais. Como afirma Lúcia Lippi de Oliveira, o Rio de Janeiro era o centro polarizador e divulgador de tudo o que se pretendia novo, “o lócus privilegiado da consagração de autores, o sonho de todo intelectual de província.”<sup>51</sup> Poucos anos foram suficientes para mostrar que o Rio de Janeiro tornava-se pequeno para Gustavo Barroso. Em 1919 Barroso realiza sua primeira viagem a países da Europa, Canadá e Estados Unidos como secretário da delegação brasileira à Conferência de Paz de Versalhes, chefiada por Epiácio Pessoa.

A viagem, relatada por Barroso no livro *O ramo de oliveira*, publicado em 1925, causou-lhe profunda impressão, servindo de contraponto para que avaliasse a inserção do Brasil num contexto mais amplo ao mesmo tempo em que reforçava sua identidade, pois segundo Barroso, carregava o Brasil em si por onde quer que fosse e em nenhum momento pode evitar que as lembranças de seu país lhe chegassem à memória, algo que pela persistência Barroso chamou saudade.<sup>52</sup>

Ao mudar-se para o Rio de Janeiro em 1910 Gustavo Barroso transferia o curso da Faculdade de Direito de Fortaleza na qual havia ingressado em 1907. Em 1912 concluía seus estudos na Faculdade Livre do Rio de Janeiro colando grau como bacharel em ciências jurídicas e sociais.

<sup>50</sup> Reprodução das plantas baixas dos três pavimentos do Museu Histórico Nacional. In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol III, 1942, pp: 395-8.

<sup>51</sup> OLIVEIRA, L L *A Questão Nacional na República Velha*, op.cit; p. 23.

<sup>52</sup> BARROSO, G. *O ramo de oliveira*. Rio de Janeiro. Edição do Anuário do Brasil, 1925.

A vinda para a então capital administrativa, política e cultural do país inaugura uma nova etapa na trajetória deste homem. Barroso tinha então apenas 22 anos, vinha por conta própria, sem recursos suficientes para se sustentar. Trazia o sobrenome dos Barroso que ainda mantinham um certo prestígio no cenário político cearense, o que lhe permitiu um trânsito razoável entre alguns literatos como Coelho Neto, então membro da Academia Brasileira de Letras.<sup>53</sup>

Desenvolve várias atividades durante o período universitário, lecionando geografia e desenho no Ginásio Petrópolis e na Escola de Menores da Polícia Federal. Nomeado secretário da Comissão de Estudos do Prolongamento da Estrada de Ferro Central do Brasil de Congonhas e de Belo Horizonte exerce ainda a atividade de correspondente do *Correio Paulistano*.

Quando é nomeado Secretário-Geral da Superintendência da Defesa da Borracha, em 1913, assume também a redação do *Jornal do Comércio*, onde permanece até 1919. Sobre este período, Barroso comenta em suas memórias: “Trabalhava eu nesse tempo no Jornal do Comércio onde desfrutava invejável situação. Gozava de certo nome nas rodas literárias. Frequentava a famosa Porta do Garnier. Privava com Coelho Neto e João do Rio. Andava em Companhia de Félix Pacheco(...)”.<sup>54</sup>

Gustavo Barroso confia a Sérgio Buarque de Hollanda, em carta na qual explica sua função como tradutor da Livraria Garnier, a complicada trajetória de tradução de *Fausto*, livro do escritor alemão Wolfgang Goethe, frisando as dificuldades financeiras do início da carreira como escritor:

“Eu a fiz num momento difícil de minha vida, em 1913, no princípio do ano, quando era obrigado a dar à casa Garnier o meu esforço no trabalho das traduções em troca de salários ínfimos. (...) A guerra suspendeu os trabalhos da casa Garnier e o “Fausto” entregue em 1913, só pode vir a lume em 1920”.<sup>55</sup>

<sup>53</sup> MAIO, M. C. *Nem Rotschild Nem Trostsky...*, op. cit; p.70.

<sup>54</sup> BARROSO, G. *Memórias de Gustavo Barroso*, op. cit; p. 189.

<sup>55</sup> SIARQ. Sistema de Arquivos da Unicamp. Desenvolvido pelo Arquivo Central do Sistema de Arquivos, 1997-2003. Mantém sob sua custódia documentos permanentes e documentos semi-ativos (intermediários) oriundos das Unidades/ Órgãos da Universidade, selecionados a partir de avaliação desenvolvida na fonte produtora. Disponível em: [http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia\\_05.html](http://www.unicamp.br/siarq/sbh/biografia_05.html). Carta de Gustavo Barroso a Sérgio Buarque de Hollanda. Na carta, Barroso agradece a Sérgio Buarque os elogios que fez publicar no *Paulistano* sobre a tradução do “Fausto”. A estréia de Sérgio Buarque no Rio de Janeiro se deu por intermédio de Gustavo Barroso que teria sugerido um artigo sobre os “futuristas” de São Paulo para ser publicado na Revista Fon-Fon, da qual era diretor desde 1916.

Gustavo Barroso concilia as atividades de escritor e jornalista ao mesmo tempo em que inicia a carreira política. Segundo Sérgio Miceli,

“Embora a modalidade inicial de inserção nos quadros dirigentes seja a atividade jornalística e/ou um cargo público, a carreira dominante, para a qual convergem as esperanças dos escritores, continua sendo o ingresso nos quadros políticos que assumem a representação da Oligarquia na Câmara e no Senado, ou então, mais raramente, um mandato de Ministro.”<sup>56</sup>

O seu primeiro livro, *Terra de sol*, foi publicado em 1912 e vinha assinado com o pseudônimo de João do Norte. Gustavo Barroso teve neste livro sua estréia literária e também seu passaporte para o universo letrado. Barroso dedicou o livro a Coelho Neto e Eurico Cruz. Até a segunda edição a obra era também dedicada a Félix Pacheco. Este estudo de feição regionalista pode ser colocado ao lado de outros títulos publicados por Barroso tais como *Praias e Várzeas* (1915), *Heróis e Bandidos* (1917), *Ao som da viola* (1921), *Mula sem cabeça* (1922), *Alma Sertaneja* (1923), *O sertão e o Mundo* (1923).

Em *Terra de Sol*, ao analisar a paisagem social e geográfica do sertão cearense, ao descrever o povo sertanejo, suas crenças e costumes, Barroso assim resume a “*Alma Sertaneja*” e o homem sertanejo:

“(…) São magros, angulosos, todos músculos e nervos. Movem-se e trabalham com vagar e lentidão, porém com uma tenacidade espantosa. (...) A luta contra a seca inexorável é que lhe dá essa terrível e refletida tenacidade. Tem uma calma e uma serenidade admiráveis. Não o perturba a maior desgraça, não o apavora a maior catástrofe. Para todas as agruras, para todas as infelicidades, para todos os venenosos espinhos da vida, tem um sorriso calmo, instintivo, que é mais um esgar do que um sorriso, que é quase sinistro por ser verdadeiro – sinal do imenso vigor da raça do Norte que o grande Euclides da Cunha chamou – “rocha viva da nossa nacionalidade”.”<sup>57</sup>

Ao falar da “sua terra” e da “sua gente” com a desejada objetividade de descrições minuciosas emoldurada numa linguagem lírica, Barroso imprimiu grande vitalidade e autenticidade à sua narrativa. Talvez por isso mesmo o livro impressione tanto ao descrever a seca e todas as misérias que ela traz consigo, um drama da natureza que aflige e submete o homem nordestino.

<sup>56</sup> MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977, p. 66.

<sup>57</sup> BARROSO, G. *Terra de sol (natureza e costumes do Norte)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930, p. 137.

No mesmo ano em que publica *Terra de Sol*, filia-se ao Partido Republicano Conservador (PRC) no qual permanece até 1918. Em 1914, com a eleição do primo, Coronel Benjamin Liberato Barroso para a presidência do Ceará, é indicado como Secretário do Interior e Justiça, e assume a redação do *Diário do Estado*. Ainda neste ano abre mão do cargo de secretário para concorrer às eleições federais pelo PRC, tendo sido eleito Deputado Federal pelo Ceará, em 1915, com o apoio político de Pinheiro Machado, influente político gaúcho e fundador do partido. Neste mesmo ano casa-se com Antonieta Labourien, filha de um comerciante carioca, tendo como padrinho o próprio Pinheiro Machado.<sup>58</sup>

Em sua atuação como parlamentar Barroso dedica atenção ao problema da seca no Nordeste, em especial no Ceará, ao cangaço, à preservação das populações indígenas, e ao controle da imigração. Além disso, elabora o projeto de criação do corpo militar dos Dragões da Independência.<sup>59</sup>

Barroso segue conciliando as atividades literárias e jornalísticas com a atuação nos governos tanto do estado quanto federal. Torna-se diretor da Revista *Fon-Fon* em 1916, uma revista que segundo Sérgio Miceli caracteriza-se por conter uma

“dosagem entre crônicas mundanas, as seções de humor, a crítica literária, a promoção de figurões da política e das letras, a publicação de contos, versos e romances de aventuras, as variedades, a crítica teatral, a crítica de arte, a coluna de modas, entrevistas, reportagens, inquéritos, uma pitada de estudos e ensaios sociais; a receita de base consiste em misturar o mundanismo com todos os tipos de fórmulas literárias. Recorre-se à fotografia bem como às demais técnicas de ilustração, a litografia e a xilogravura, empregam-se amplamente as *charges* e as caricaturas, multiplicando-se com isso as ilustrações coloridas. A maioria dessas revistas – a *Revista da Semana*, *Kosmos*, *A Rua do Ouvidor*, *Fon-Fon*, *Careta*, etc. – visam atingir um público essencialmente feminino.”<sup>60</sup>

Em 1918 assume a secretaria do Boletim Comercial e Consular do Ministério das Relações Exteriores. No ano seguinte segue como secretário da delegação brasileira à Conferência de Paz de Versalhes, chefiada por Eptácio Pessoa. Ao término da Conferência acompanha o chefe da delegação a países da Europa, Estados Unidos e Canadá.<sup>61</sup>

<sup>58</sup> MAIO, M. C. *Nem Rotschild, Nem Trotsk...*, op. cit, p; 71. O Partido Republicano Conservador criado por Pinheiro Machado extinguiu-se ainda em 1915 por ocasião de seu assassinato em circunstâncias pouco esclarecidas.

<sup>59</sup> Idem, p.72.

<sup>60</sup> MICELI, S. *Poder, Sexo e Letras na República Velha*, op. cit; p. 76.

<sup>61</sup> Em *O Ramo de Oliveira* (1925) dedicado a Eptácio Pessoa, Barroso relata suas impressões como membro da delegação.

A aproximação com Epiácio Pessoa seria decisiva, pois a fundação do Museu Histórico Nacional por iniciativa de Gustavo Barroso em 1922 contou com o apoio do amigo e então Presidente da República. Segundo Regina Abreu, as ligações de Gustavo Barroso com Epiácio Pessoa já vinham de longe, ambos egressos de tradicionais famílias do Norte. Ao nomear Gustavo Barroso para dirigir o Museu Histórico Nacional, o presidente Epiácio Pessoa cumpria as normas de um ritual consagrado pelas instituições políticas brasileiras, “onde as oligarquias se revezavam no poder, trocando cargos, honrarias e privilégios”.<sup>62</sup>

Crescia a visibilidade de Barroso, que segundo Sérgio Miceli, “transforma-se numa espécie de vedete literária, alvo dos caricaturistas e retratistas, e objeto de perfis biográficos com seu retrato emoldurado em página inteira dos almanaques e álbuns da época”.<sup>63</sup>

Juntamente com o crescimento de sua visibilidade, aumentava também seu prestígio político. Em 1923, já então diretor do Museu Histórico Nacional, Barroso é aceito na Academia Brasileira de Letras após duas tentativas frustradas. Alberto Faria, em discurso de recepção ao novo acadêmico, ressaltava sua erudição e a precocidade de seu interesse pelas letras.<sup>64</sup>

Sua participação na Academia foi ativa, e no ano em que foi aceito, 1923, já como tesoureiro, procedeu a adaptação do prédio do Petit Trianon. Exerceu alternadamente os cargos de tesoureiro, de segundo e primeiro secretário e secretário geral de 1923 a 1959 e de Presidente em 1932, 1933, 1949 e 1950. Segundo o acadêmico Josué Montello, que sucedeu Barroso na direção do Museu Histórico Nacional,

“O plenário da Academia Brasileira, em que evoquei o lado positivo de sua obra, foi ele que o criou. Foi ele que deu ao salão nobre da Academia a sua feição definitiva, com a disposição que lá está e que serviu de moldura adequada, desde 1923, à posse de cada um de nós, que nos desvanecemos de pertencer à Casa de Machado de Assis. As poltronas em que nos sentamos, com a sua plaqueta de metal, é obra dele.”<sup>65</sup>

Ainda na Academia Brasileira de Letras, Barroso foi designado em 1941, para coordenar as pesquisas e estudos relativos ao folclore brasileiro, juntamente com Afrânio Peixoto e Manuel Bandeira. Este último, em entrevista ao *Jornal O*

<sup>62</sup> ABREU, R. *A Fabricação do Imortal...*, op. cit; p. 167.

<sup>63</sup> MICELI, S. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979, p.60.

<sup>64</sup> FARIA, A. “Recepção a Gustavo Barroso”. In: *Discursos Acadêmicos*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, Vol 5, 1936.

<sup>65</sup> MONTELLO, Josué. Rothschild na Academia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 maio. 1985. 1º Caderno.

*Diário da Noite*, quando do falecimento de Gustavo Barroso, comentou: “um grande companheiro que perdemos. Grande trabalhador. Acredito que depois de Coelho Neto foi o acadêmico de maior produção”.<sup>66</sup>

A observação de Manuel Bandeira é significativa, pois nela o poeta localiza Gustavo Barroso dentro do universo letrado. Ao colocá-lo ao lado de Coelho Neto<sup>67</sup> acentuando a grande quantidade de obras publicadas e ações empreendidas no âmbito da Academia, Bandeira localiza tanto a caracterização do tipo de intelectual que foi Barroso quanto a característica de sua produção como escritor polígrafo marcada pela diversidade de temas abordados. De fato, como tivemos ocasião de observar, Barroso dedica seu primeiro livro a Coelho Neto, fato indicativo da admiração e da proximidade existente entre eles.

Em um estudo breve sobre intelectuais na primeira república, Sérgio Miceli analisa a trajetória de um grupo de letrados atuante no período da República Velha (1889-1930), através dos quais se consolidou um determinado modelo de produção intelectual.<sup>68</sup> Segundo o autor, os intelectuais pertencentes a este grupo, denominados “anatolianos”, coincidem através de suas trajetórias e de sua produção em alguns pontos que permite que os pensemos integrados. Seria o caso tanto de Gustavo Barroso quanto de Coelho Neto.

Ao realizar um “estudo clínico dos anatolianos”, Miceli demonstrou que os críticos literários e os historiadores, ao tomarem como referência os padrões estéticos que o Modernismo entronizou como dominantes, deslocando-os para compreender um grupo de letrados que estariam fora da linhagem estética modernista, efetuaram uma operação que além de funcionar como um recurso

<sup>66</sup> Citado por CASTRO, F. L. V. *As colunas do templo. História e folclore no pensamento de Gustavo Barroso*. (Dissertação de Mestrado), UFF, Niterói, 2001.

<sup>67</sup> Coelho Neto (1864-1934) nasceu em Caxias, Maranhão, e é o fundador da cadeira nº 2 da ABL que tem como patrono Álvares de Azevedo.

<sup>68</sup> MICELI, S. Poder, *Sexo e Letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. Este trabalho de Miceli teve continuação através de sua tese de doutorado, posteriormente publicada em livro sob o título *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)* publicada pela Difel em 1979 na Coleção Corpo e Alma do Brasil. Em 2001, a Companhia das Letras reeditou, sob o título *Intelectuais à Brasileira*, vários trabalhos de Miceli entre eles os dois títulos citados e diversos outros artigos dentro da mesma temática. No pós-fácio da edição, Miceli explicita seu método de análise a fim de compreender o impacto que sua tese de doutorado causou no meio acadêmico: “Em vez de adotar uma perspectiva derivada da sociologia das idéias ou do pensamento, nos termos da tradição inaugurada por Mannheim, ou então, de buscar definir as modalidades de contribuição dos intelectuais ao trabalho político numa sociedade a braços com um tumultuado e descompassado processo de transformação, busquei elaborar um modelo de argumentação capaz de compatibilizar condicionantes ligados às origens sociais com aqueles desencadeados pelas mudanças em curso no mercado de trabalho intelectual, uns e outros tomando feição no contexto político-institucional da época.” p. 372.



político dos próprios modernistas, dificultou o entendimento daqueles que detinham a autoridade intelectual nos anos vinte.

Ainda segundo o autor, os intelectuais que atuavam durante as décadas de 10 e 20 atuaram numa fase em que

“se desenvolveram condições favoráveis à profissionalização do trabalho intelectual, especialmente em sua forma literária, e à constituição de um campo intelectual relativamente autônomo (...). Expurgar esse momento de expansão do campo intelectual no Brasil, relegar os produtores da época tachando-os de *subliteratos*, tratar suas obras segundo critérios elaborados em estados posteriores do campo, em suma transformá-los numa espécie de lixo ideológico, como o fazem certas correntes que não obstante não têm mais quase nada em comum, é o mesmo que desconhecer as condições sócio-históricas em meio das quais se constitui o campo intelectual sob cuja vivência estamos vivendo.”<sup>69</sup>

Os anatolianos, por serem profissionais por excelência da República Velha, viviam dos rendimentos que lhes proporcionava o ofício de escritor, e por isso, viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que na época eram importados da imprensa francesa tais como a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica. Segundo o autor, “o êxito que alcançavam por meio de sua pena poderia lhes trazer salários melhores, sinecuras burocráticas e favores diversos”.<sup>70</sup> As revistas ilustradas, segundo o autor, configuram-se como espaços onde os “anatolianos” trabalham de maneira bem mais regular do que os jornais, e estão inseridas num contexto de expansão que converteu o jornal em grande empresa industrial cuja sobrevivência dependia da mobilização de novas estratégias comerciais, tais como a introdução de novas fórmulas no tratamento das informações e de novas seções de entretenimento.

Por fim, ao resumir o “protótipo do anatoliano”, Miceli considera o mundanismo e a qualidade de escritor polígrafo como traços presentes em todos os escritores analisados em seu estudo, características presentes, sem dúvida, na carreira literária e jornalística de Gustavo Barroso.

Entretanto, Barroso não atuou somente como escritor. Sua atuação como conservador-museólogo pode ser considerada como uma trincheira intelectual expressiva em sua trajetória. A importância desta trincheira pode ser medida se considerarmos que a musealização foi uma das alternativas encontradas por Barroso para manter viva a tradição que considerava “a alma da Pátria”.

<sup>69</sup> MICELI, S. *Poder e sexo e letras na República Velha*, op. cit; p.14.

<sup>70</sup> Idem, p; 74.

Inserem-se nesta perspectiva o Projeto do Museu Ergológico, o primeiro museu de folclore do país, idealizado por Barroso em 1942; O Curso de Museus, criado em 1932, responsável pela formação de museólogos especialistas no país, o Museu Histórico Nacional, fundado por Barroso em 1922 e dirigido por ele até sua morte em 1959 e a Inspetoria de Monumentos Nacionais, serviço criado por Barroso em 1934 e que atuou restaurando igrejas, pontes e chafarizes da cidade de Ouro Preto.

Ao considerar a Museologia como uma trincheira expressiva na trajetória de Gustavo Barroso, ressaltamos a necessidade de que seja analisada em relação às demais atividades que exerceu, ou seja, é a partir de uma perspectiva que considere as diversas frentes de atuação como complementares, que se oferece a melhor alternativa para compreendermos porque a este intelectual coube o título de *pai da museologia* no Brasil.

Gustavo Barroso alimentou desde menino o sonho de seguir a carreira militar. Queria defender seu país através das armas. Encontrou na produção intelectual uma alternativa de combate aplicando para tanto uma tática de defesa. Abriu várias trincheiras, das quais destacamos a imprensa, a Academia Brasileira de Letras, a atuação política, o Integralismo, o Museu Histórico Nacional, o Curso de Museus. Em todas essas trincheiras, a tradição funcionou como sustentação, fornecendo a base da estratégia. Não podemos deixar de pensar que Barroso realizou seu sonho militar por uma via transversa, ao diversificar sua atuação, ao abrir tantas trincheiras de atuação, todas elas ocupadas por soldados dispostos a lutar, todos empunhando a mesma arma e talvez não seja demais pensarmos que essa arma era a defesa do que esse autor entendia ser a tradição.